

O anúncio era simples. Testador de Portais Interdimensionais. Salário confidencial mas bom. Benefícios. Plano de saúde — o que, pensando bem, deveria ter levantado questões sobre a natureza do trabalho.

A entrevista durou quinze minutos. Me perguntaram se eu tinha medo de altura, de escuro e de versões alternativas de mim mesmo. Disse que não pra todas as três. Mentiram sobre a segunda, mas isso foi depois.

No primeiro dia recebi um jaleco, uma prancheta e uma caneta.

A prancheta tinha uma ficha de avaliação. Categorias: atmosfera respirável, gravidade funcional, presença de ameaças imediatas, nível geral de viabilidade. Cada uma com nota de um a dez.

O supervisor me levou até o portal. Era uma elipse de luz no meio de uma sala de escritório comum, entre a máquina de café e a impressora que nunca funcionava. Ele disse que eu atravessava, avaliava, voltava. Simples.

Perguntei o que era o outro lado.

Ele disse que dependia.

Perguntei dependia de quê.

Ele disse que era essa a questão, e que era exatamente por isso que eu tinha sido contratado.

Atravessei.

Do outro lado era a Terra. Exatamente a Terra. Mesma gravidade, mesma atmosfera, mesmo céu de quinta nublada. Olhei em volta procurando alguma diferença até que entrei num café e pedi um expresso.

O atendente me olhou como se eu tivesse pedido um animal exótico.

— Um o quê? — ele disse.

Levei quarenta minutos pra entender que naquela dimensão o café nunca tinha sido descoberto. A planta existia. Ninguém havia pensado em torrar o grão.

As pessoas estavam acordadas mas com aquela expressão de quem nunca esteve de fato presente. Funcionavam. Trabalhavam. Conversavam. Mas com uma lentidão específica, como uma versão em câmera lenta do que deveriam ser.

Dei nota três na viabilidade. Voltei.

O supervisor anotou sem comentar.

No segundo portal era a Terra de novo. Dessa vez percebi a diferença mais rápido. Todo mundo andava de patins. Não como opção. Como regra. As calçadas tinham canaletas. Os escritórios tinham pisos de madeira lisa. Havia um guarda na entrada do supermercado verificando os patins antes de deixar entrar.

Perguntei pra uma mulher que patinava com a naturalidade de quem respira por que os patins.

Ela me olhou com a expressão de quem acabou de ouvir a pergunta mais idiota da vida.

— Porque é mais rápido — ela disse, e patinou pra longe antes que eu pudesse continuar.

Dei nota seis. Voltei.

No terceiro portal resolvi ser mais rápido. Atravessei, olhei em volta, identifiquei a diferença, anotei, voltei.

A diferença no terceiro era que apertos de mão tinham sido substituídos por um toque de cotovelo desde sempre, não por razão sanitária mas por uma tendência cultural dos anos 1800 que se consolidou. As mãos eram usadas só pra trabalho. Apertar a mão de alguém era considerado íntimo demais pra um primeiro encontro.

Dei nota oito. Voltei.

No intervalo do almoço perguntei ao supervisor quantas dimensões existiam.

— Infinitas — ele disse.

— E quantas são assim?

— Assim como?

— Variações idiotas da Terra.

Ele checkou uma pasta.

— Noventa por cento.

Perguntei o que era o restante.

Ele disse que eram as dimensões onde o trabalho ficava complicado.

Perguntei o que significava complicado.

Ele disse que significava que o testador anterior não voltou e que a vaga tinha aberto por isso.

Comi o resto do almoço em silêncio.

À tarde fiz mais quatro portais. Uma dimensão onde a televisão nunca foi inventada e as pessoas tinham uma vida social perturbadoramente saudável. Uma onde os carros foram proibidos em 1923 por motivo que não consegui apurar no tempo disponível. Uma onde todo mundo usa chapéu por lei desde 1887. Uma onde o idioma português nunca chegou ao Brasil e eu não entendi nada e voltei em quarenta segundos.

No fim do dia o supervisor pegou minha prancheta e folheou as fichas.

— Bom primeiro dia — ele disse.

Agradei.

— Amanhã você faz os dez por cento.

Olhei pra ele.

Olhei pro portal.

Olhei de volta pra ele.

— O plano de saúde cobre o quê exatamente — perguntei.

Ele sorriu com a calma de quem já foi feita essa pergunta muitas vezes.

— Depende de qual dimensão você voltar.